

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

O Livro Eletrônico e Transformações na Indústria Editorial

Amanda do Prado Ribeiro¹

Universidade Federal Fluminense

“Apenas preservando a inteligência da cultura do códex poderemos gozar a ‘felicidade extravagante’ prometida pela tela”.

– Roger Chartier

Resumo: O livro eletrônico, embora ainda não incorporado aos nossos hábitos de leitura, tem recebido apoios entusiastas e críticas contundentes. Inserido nas discussões em torno das novas tecnologias de produção, comercialização e leitura textuais, o tema tem sido favorecido pela facilidade de publicação em meio digital, onde uma miríade de artigos jornalísticos, ensaios literários e estudos acadêmicos encontram espaço a todo momento (além dos que circulam nos meios tradicionais), envolvendo editores, livreiros, críticos literários, profissionais da educação, comunicólogos, cientistas sociais, engenheiros eletrônicos e programadores de *software*. Este trabalho aborda algumas das questões em discussão: os destinos da literatura no espaço cibernético, o possível abandono de práticas culturais associadas à materialidade do códice, a criação de novas formas de leitura e suas repercussões no pensamento contemporâneo.

Palavras-Chave: Internet; *e-book*; livro eletrônico; editoras virtuais

Encontramo-nos atualmente absortos por questões levantadas em torno das novas tecnologias de produção, comercialização e leitura textuais: favorecidos pela facilidade de publicação em meio digital, uma miríade de artigos jornalísticos, ensaios literários e estudos acadêmicos são publicados a todo o momento na Internet (além dos que encontram espaço nos meios tradicionais), mobilizando pesquisadores nos diversos campos do conhecimento, arrebanhando entusiastas e incitando críticas.

Mas qual seria a razão para toda a preocupação e curiosidade despertadas pelas transformações que vêm ocorrendo nos modos de produção, transmissão e recepção do

¹ **Amanda do Prado Ribeiro** é aluna do 7º período do Bacharelado em Língua e Literatura Alemãs na Universidade Federal Fluminense, exercendo atualmente atividades de monitoria em Teoria da Literatura.

escrito? Ora, sendo o impresso suporte principal para a difusão e aquisição de conhecimento, não se estranha o fato de nos sentirmos ameaçados — ou seduzidos — pela possibilidade, ainda que remota, de termos de abandonar hábitos consolidados com o advento da tipografia, costumes até hoje vigentes.

“*A revolução do texto eletrônico será também uma revolução da leitura*”. (CHARTIER, 1994, p. 100) Eis a afirmativa que norteará o ensaio “Do códex à tela: as trajetórias do escrito”, de Roger Chartier. Segundo o historiador francês, novas relações com a escrita nascem dos novos suportes e formas que a transmitem. Toda representação mental e operação intelectual ligadas à materialidade do códice sofrerão transformações, quando apartadas deste suporte. Diferentes possibilidades de leitura surgem com a publicação digital, modificando-se as significações históricas constituídas a partir da concretude do livro. Tal pensamento é endossado pela Dra. Nízia Villaça, coordenadora do Grupo Ethos – núcleo de pesquisa sobre comunicação, comportamento e estratégias corporais, da UFRJ: “*A relação corpo/texto se modifica para assumir outra dimensão com a era eletrônica*”. (VILLAÇA, 1999)

Sabemos que novas configurações sociais se instalaram a partir do avanço das tecnologias de informação. Os valores de nossa sociedade mudaram. Os amantes da filosofia e da cultura erudita são cada vez mais raros. O rádio, a TV e, mais recentemente, a Internet bombardeiam-nos com informações a todo minuto. Mal assimilamos um fato novo e já temos muitos outros com os quais nos preocupar. Desligar o celular ou desconectar o *modem* são ações angustiantes para muitos. O isolamento proporcionado pela leitura de um livro e reflexões dela advindas, por exemplo, tem sido privilégio desfrutado por poucos. Hoje, informação é sinônimo de capital e é preciso conseguí-la da maneira mais rápida e na maior quantidade possível. Estar desatualizado é o pesadelo de quem deseja manter-se ativo em um mercado de trabalho cada vez mais disputado e, conseqüentemente, muito mais exigente. E é neste conturbado cenário que as novas tecnologias de produção, comercialização e leitura de textos ensaiam seus primeiros passos.

Jason Epstein, autor de “O Negócio do Livro: Passado, Presente e Futuro do Mercado Editorial”, mostra-se muito otimista com relação às novidades proporcionadas pela Internet. Ele acredita que esta última recuperaria relações existentes antes da imprensa moderna e que, através da grande rede, autores e leitores poderão experimentar uma relação mais próxima, reunidos na “*relva da aldeia global*”², desfrutando de um dialogismo que muito enriqueceria a produção intelectual dos novos tempos. Em sua obra, o editor americano afirma que, atualmente, a preferência dos grandes conglomerados editoriais é pelos livros de rentabilidade imediata, que são promovidos pela mídia e, caso bem sucedidos, ficam nas listas de *best-sellers* durante algum tempo, para depois nunca mais serem vendidos³. Quase não há mais investimentos em obras de longa durabilidade, as quais enriqueciam os catálogos das editoras no passado. Com esta preferência por obras de rentabilidade garantida, fica cada vez mais restrito o espaço para novidades e os autores que não conseguem publicar seus originais no meio impresso, estão procurando na *Web* uma forma de alcançar seu público.

Em parceria com a Organização das Nações Unidas, Epstein vem desenvolvendo um projeto de catalogação de livros digitalizados. O objetivo do trabalho é disponibilizar um catálogo universal, de modo que leitores de qualquer parte do planeta possam acessá-lo e encomendar livros por meio de *impressão sob demanda*⁴ (*print on demand*), um sistema que ganhou contornos mais nítidos a partir de um invento que muito impressionou o editor: a “*PerfectBook Machine*”, desenvolvida por Jeff Marsh, um engenheiro que abandonou sua carreira no setor de automóveis para dedicar-se exclusivamente à invenção: do tamanho de uma fotocopadora industrial, a *PerfectBook* é acoplada a um computador conectado à Internet, para o qual é transferido o arquivo eletrônico do livro a ser impresso. A partir daí, todo o trabalho fica por conta da máquina, que em sete minutos imprime e encaderna o material selecionado. Obtém-se, segundo os idealizadores do projeto, um material exatamente igual àquele produzido pelas editoras convencionais, com a vantagem de proporcionar uma sensível diminuição no preço de capa e um curtíssimo espaço de tempo entre a encomenda, a impressão e a entrega. Outra importante vantagem é que, com esta nova forma de comercialização, as

² cf. EPSTEIN, 2002, p. 153-155

³ cf. EPSTEIN, 2002, p. 27-34

⁴ cf. EPSTEIN, 2002, p. 13; 152

editoras estariam livres dos riscos dos exemplares de uma obra não aceita pelo público serem perdidos, uma vez que só se imprime o que for encomendado, eliminando, assim, a preocupação com os prejuízos de edição. Os autores que ingressam no mercado editorial seriam também beneficiados, pois os editores poderiam investir em novidades, sem temer a rejeição do público.

Há que se considerar, todavia, que, para viabilizar um sistema de acesso universal a publicações, teríamos de eliminar a influência dos Estados sobre as formas de comercialização das obras concebidas dentro de suas fronteiras, o que exigiria transformações radicais de paradigmas por parte de escritores, profissionais do ramo do livro e legisladores do mundo todo. Isto nos leva a algumas indagações: estaríamos mesmo próximos de experimentar a tal “*felicidade extravagante*” prometida pela multiplicidade da biblioteca vislumbrada por Jorge Luis Borges? Seria mesmo possível a catalogação irrestrita de todos os textos já publicados pela humanidade? E ainda: tendo em vista que o acesso a computadores conectados à rede é privilégio de uma reduzida parcela da população mundial, mais especificamente concentrada na América do Norte e Europa, não seria precipitado considerar a hipótese de que grandes depósitos eletrônicos venham a substituir as bibliotecas tradicionais?

Na conclusão de seu ensaio, Roger Chartier adverte que, ao digitalizar textos cuja existência não começa com a informática, não podemos simplesmente descartar seus suportes físicos: “*A biblioteca do futuro deverá ser, também, o lugar onde poderão ser mantidos o conhecimento e a compreensão da cultura escrita nas formas que foram, e que ainda hoje são, majoritariamente as suas*” (CHARTIER, 1994, p. 107).

Na verdade, apesar de o meio digital oferecer maior facilidade de produção, distribuição, reprodução e atualização de textos, maior capacidade de armazenamento e manipulação de informações em espaço reduzido, além de possibilitar ao usuário maior “interatividade”, ainda assim o livro eletrônico não conseguiu superar as vantagens oferecidas pela tecnologia do códice, cujo suporte pode ser levado para qualquer lugar, independente de fonte de energia para funcionar, pode receber anotações do leitor, sem que estas se confundam com texto original, favorece a recuperação posterior de

informações pela facilidade de memorização espacial do texto e não requer atualizações constantes (como é o caso dos softwares de leitura digital). Os entusiastas do livro eletrônico alegam que este pode oferecer recursos multimídia impossíveis no meio impresso. Mas a questão é saber até que ponto esses recursos são realmente interessantes:

“Tal e qual um filme de Hollywood, a narrativa multimídia interativa inclui representações tão específicas que deixa cada vez menos espaço para a fantasia. A palavra escrita, ao contrário, estimula a formação de imagens e evoca metáforas cujo significado depende sobretudo da imaginação e das experiências do leitor. Quando lemos um romance, muito da cor, do som e do movimento provém de nós mesmos”.

(NEGROPONTE, 1995. p. 13)

Com isto, percebemos que os novos aparatos não se mostraram, até o presente momento, capazes de sobrepujar as vantagens oferecidas pelo código. Todos os esforços dos engenheiros eletrônicos e programadores de *software* concentram-se em tornar o livro digital o mais parecido possível com o impresso. Para citar uma das iniciativas neste sentido, podemos recordar quando o Media Lab, laboratório do Massachusetts Institute of Technology, anunciou a pretensão de se criar um livro, cujas páginas seriam feitas de papel embebido em partículas eletrônicas, imitando, assim, o papel real e podendo ser constantemente reprogramado (uma espécie de palimpsesto digital). Em seu ensaio intitulado "A Produção Textual e a Leitura: Entre o Livro e o Computador?", José Luís Jobim nos esclarece por que as novas tecnologias pagam tributo ao livro impresso como objeto relevante:

(...) “é conveniente quando se quer introduzir novas práticas sociais, que se levem em conta práticas socialmente vigentes, principalmente aquelas que foram aprovadas e reconhecidas por um longo período histórico (...) se a circulação de textos por via eletrônica adotasse processos completamente dissociados de formas relacionadas ao livro

(codex), correria um enorme risco de rejeição por um público que associa a idéia de texto àquelas formas".

(JOBIM, 2002, p.221-222)

E a Literatura? Qual seria o destino reservado à arte que tem como meio de manifestação principal o impresso? Já sabemos que diferentes suportes criam diferentes formas de leitura. Isto não quer dizer, porém, que a produção literária corra riscos de desaparecer no meio digital. A Literatura se mantém através de textos⁵, sejam eles gravados em tabletes de cerâmica, peles de animais, papel ou arquivos eletrônicos. O que se procura são formas mais confiáveis de armazenamento magnético de textos, cuidando para que os dados possam ser posteriormente recuperados, sem problemas de incompatibilidade de *software* ou *hardware*. Além disso, vimos que os novos modos de produção textual aperfeiçoaram a indústria do livro, que já realiza grande parte de seu processo de edição digitalmente. Não se pode negar que a facilidade no processamento de textos em computador e a crescente popularização da Internet fizeram com que um número muito maior de obras entrasse em circulação. Assim, vemos que a produção literária nunca encontrou tanto espaço para manifestar-se quanto hoje.

Isto nos remete, em contrapartida, a uma indagação fundamental: se qualquer autor pode fazer-se ouvir, ou melhor, *ler* na Internet, quais seriam as formas de seleção mais eficazes para assegurar ao leitor a qualidade ou autenticidade das obras disponíveis eletronicamente? Os críticos literários, as editoras e as instituições acadêmicas continuarão a desempenhar o papel que têm cumprido até hoje: nunca o leitor precisou tanto de guias para atribuir justo valor às obras verdadeiramente relevantes, entre os milhões de textos publicados na Web. Em entrevista concedida à revista eletrônica *No.*, o editor americano Jason Epstein prevê:

“Particularmente acredito que grandes escritos irão emergir da confusão da publicação digital. O problema de se filtrar o conteúdo da rede é, na verdade, externo à Internet. O filtro que distingue valores é da natureza dos seres humanos, não de uma tecnologia em particular”.

⁵ cf. JOBIM, 2002, p. 235

(Apud GRECCO, 2002)

A questão dos direitos autorais é outro assunto que muito se tem discutido, quando se pensa em “*bibliotecas sem muros*”⁶. Até o presente momento, porém, encontramos muito aquém de chegarmos a soluções definitivas para os problemas que se nos apresentam com essa nova realidade.

Não devemos, de forma alguma, temer os avanços tecnológicos que o nosso tempo nos proporciona. Não existe razão para acreditarmos no apocalíptico “fim do livro”, pelo simples fato de que não se descarta uma tecnologia para a implantação de outra: “*As novas tecnologias modificam o mundo, mas não apagam o passado nem alteram o genoma*” (EPSTEIN, 2002, p. 13) fiquemos com as tranquilizadoras palavras de Jason Epstein e procuremos somar reflexões às tantas outras já levantadas, para que juntos possamos nortear o desenvolvimento dessa História que também passará a ser registrada à “*tinta digital em papel de silício*”⁷.

Referências bibliográficas

- CHARTIER, Roger. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: A Ordem dos Livros. Brasília: UnB, 1994.
- DIZARD, Wilson P. A Última Batalha de Gutenberg? In: A Nova Mídia: a comunicação de massa na era da informação. (Trad. da 2ª ed.: Edmond Jorge) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- EPSTEIN, Jason. O Negócio do Livro: Passado Presente e Futuro do Mercado Editorial. (Trad.: Zaida Maldonado). Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GRECCO, Sheila. Páginas de Futuro. Revista *No*. 10 de Janeiro de 2002.
<http://www.no.com.br/revista/noticia/53619/atual>
- JOBIM, José Luís. A Produção Textual e a Leitura: Entre o Livro e o Computador? In: Formas da Teoria. Rio de Janeiro: Caetés, 2002. p. 217-242.
- NEGROPONTE, Nicholas. A Vida Digital (Trad. Sérgio Tellaroli). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RODRIGUES, Jorge Nascimento. Os Primeiros Livros Digitais.
<http://www.janelanaweb.com/digitais/ebook.html>

⁶ cf. CHARTIER, Roger. Bibliotecas sem muros. In: A Ordem dos Livros. Brasília: UnB, 1994.

⁷ Palavras de Roger Fidler - diretor do projeto Knight-Ridder, que tinha por objetivo transportar o conteúdo de um jornal para uma tela eletrônica. (Cf. DIZARD, 1998, p. 248)

VILLAÇA, Nízia. Do impresso ao eletrônico: corpo e tecnologia. INTERCOM – XXII Congresso Brasileiro da Comunicação – Rio de Janeiro / RJ – 1999.
http://www.intercom.org.br/papers/xxii_ci/np10/10v10.pdf